

# As aventuras de Max e seu olho submarino

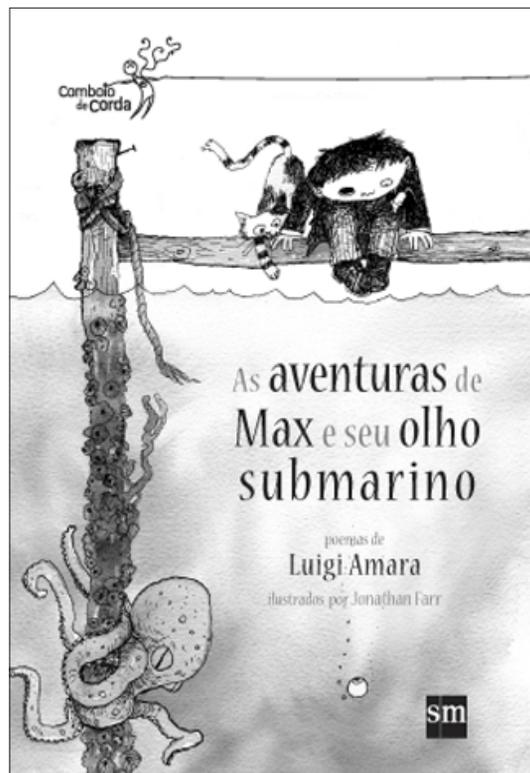
Luigi Amara

Ilustrações Jonathan Farr

Temas Humor negro. Nonsense • Bestiários • Retratos de família • Vida marinha



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



64 páginas



## PARA QUE POESIA? POESIA PARA QUEM?

**Em um mundo acelerado pela informação, a poesia para crianças, sem deixar de divertir, representa um valioso caminho de conhecimento e autoexpressão.**

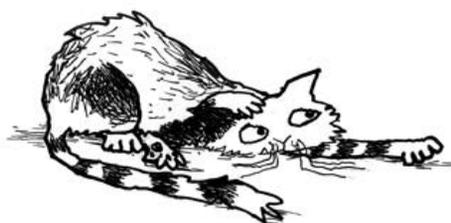
A descoberta dos recursos expressivos da linguagem é uma conquista importantíssima no processo de aquisição e desenvolvimento das capacidades verbais da criança. Ao longo desse processo, o contato com o texto poético constitui marco importante, à medida que fornece meios para decodificar as diferentes estratégias discursivas que povoam, desde sempre, seu mundo em expansão. O papel desempenhado pelo texto poético em sala de aula liga-se ao fato de ele pôr a própria linguagem em xeque, libertando-a dos automatismos. Por essa razão, uma poesia “para crianças” não cumprirá seu papel enquanto subestimar a inteligência do leitor, recorrendo a noções simplistas, a



banalizações de forma e conteúdo, a diminutivos pueris. Concorrendo com a velocidade do desenho animado, do vídeo e da internet, a poesia deve ser capaz de recuperar o sabor dos jogos e das brincadeiras, atentar para temas, experiências e sentimentos que compõem o universo cada vez mais heterogêneo do leitor-mirim, estimulando-o a indagar, a criar e a refletir.

No século XVIII, o filósofo iluminista francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) protestou contra a visão da criança como adulto em miniatura. A partir de então, a infância passa a ser considerada uma etapa essencial do *desenvolvimento*, da qual depende a emergência do cidadão apto a participar plenamente da vida coletiva.

No mundo contemporâneo, a sociedade da informação e do mercado impõe a *adulção* precoce da criança. A poesia representa nesse contexto um espaço protegido em que é possível recuperar o sentido *lúdico* da experiência com a palavra, bem como fomentar uma abordagem alternativa à sua *instrumentalização*. Fruto de grande liberdade criativa, a poesia incrementa a potência fabuladora da criança. Mergulhando-a no frescor da língua, o texto poético ajuda a formar leitores ativos, mais habilitados a enfrentar a prosa do mundo.



## FORMAS E TEMAS

*As aventuras de Max e seu olho submarino* é um livro que combina os gêneros lírico e narrativo. A primeira parte, “Um olho inquieto demais”, compõe-se de quatro poemas com encadeamento narrativo. Neles, acompanhamos as peripécias do olho direito de Max, que é arrancado, adquire vida independente, arrisca-se em mil aventuras e termina no fundo do mar, onde passa a viver dentro de uma ostra. Os quatro poemas têm a mesma estrutura formal, o que também confere unidade a essa primeira parte: possuem 11 quadras cada (estrofes de quatro versos), com rimas no segundo e quarto versos, e métrica em redondilha maior (sete sílabas poéticas).

Na segunda parte do livro, “Retratos de família”, somos apresentados aos familiares de Max. Ao contrário da primeira parte, os poemas sobre a família possuem formas variadas, como que a diferenciar as personagens e suas esquisitices, que vão do avô que vive de ponta-cabeça (retratado no soneto “O mundo às avessas do avô careca”) à irmã Maria Camila, que se comporta como uma planta (nas quadras em versos decassílabos de “A menina clorofila”). Apesar desses poemas não falarem diretamente da história de Max e de seu olho, a referência à narrativa não se perde, já que o subtítulo dos textos remete o leitor à personagem central do livro e a suas peripécias. É o caso dos poemas do avô, “o único que crê nas aventuras de Max do outro lado do mundo”, e da mãe, Luzia, “que ralha com Max quando ele perde o olho de vidro no campeonato de gude”.

Por fim, em “Os poemas do olho”, a terceira parte do livro, vê-se uma série de composições sobre bichos marinhos. Aqui, variam ainda mais as formas: há desde dísticos em versos decassílabos sem rimas (“A baleia imóvel”) a haicais (os poemas de “Lampejos submersos”). Nessa parte, a mais lírica do livro, esquecemos um pouco as aventuras de Max e de seu olho para contemplar belas cenas como a da baleia imóvel, que se parece com uma ilha solitária e deserta no meio do oceano. Mesmo assim, a ligação com a narrativa principal do livro é mantida, uma vez que os poemas só existem graças ao olho submarino de Max.



## MAIS DE PERTO

---

### LÍRICA E NARRATIVA

Em linhas gerais, os gêneros literários são divididos em três formas básicas: lírico (a poesia), épico (a narrativa) e dramático (o teatro).

O modelo clássico do gênero épico é a *Odisseia*, atribuída ao grego Homero e datada do século VII a. C. Nela, conta-se a longa trajetória do herói Ulisses na tentativa de retornar a sua terra natal, a ilha de Ítaca. Sua viagem é repleta de obstáculos e aventuras. A épica pressupõe a existência de personagens envolvidas em situações e eventos que se desenrolam no tempo e são contados por um narrador mais ou menos distanciado do que ocorreu. É da épica que se originará a narrativa em prosa moderna, como o romance. Porém, na Antiguidade, os textos épicos e dramáticos eram também compostos em versos, assim como os poemas.

As obras do gênero lírico originam-se de poemas que eram feitos, na Antiguidade, para serem cantados com o acompanhamento da lira, instrumento de cordas. Ao contrário da épica, com suas longas narrativas e diversas personagens, que traduziam a memória e a história coletiva de todo um povo, a poesia que hoje chamamos de lírica era caracterizada por poemas de curta extensão, emitidos por uma voz individual e central, que passou a ser nomeada como “eu lírico”. Um exemplo clássico do gênero são os *ditirambos*, cantos festivos para o deus Dioniso, que expressavam estados de alma extremos, seja a alegria esfuziante, seja a tristeza profunda. Nesse sentido, o lirismo ficou associado à expressão de ideias e sentimentos íntimos, subjetivos.

Mas não se deve confundir lirismo com confessionalismo. Ele pode estar presente não apenas em poemas confessionais ou sentimentais, mas também em versos que captam um objeto, um animal, uma cena exterior ao “eu lírico” – embora filtrados por seu olhar. É o caso de “Os poemas do olho”, a terceira parte de *As aventuras de Max e seu olho submarino*, dedicada aos bichos marinhos vistos pelo olho desgarrado. Em “O baile da medusa”, o animal pensa ver, num lenço lançado ao mar, um ser semelhante a si mesmo. Assim, a medusa acompanha sua queda melancólica, como uma “alma esquecida”, até o fundo do oceano, onde o lenço permanecerá imóvel. A medusa bailará a seu lado tentando reanimá-lo, mas será, por fim, vencida pela indiferença, pela “morte” do objeto. O poema captura toda a tristeza e a beleza da inusitada cena.





### TEORIA DOS GÊNEROS

*A classificação das obras literárias em gêneros aparece primeiramente na República de Platão e depois na Poética de Aristóteles, obras escritas no século IV a. C.*

*A tripartição entre os gêneros lírico, épico e dramático deve ser vista sobretudo como um modo de orientar o estudo e a compreensão da literatura.*

*Na história literária, é o Modernismo, no século XX, que romperá de modo mais radical com as fronteiras entre os gêneros. Mas desde muito antes encontramos exemplos de autores, obras e movimentos literários (como o Romantismo, no século XIX) que questionam a divisão clássica de gêneros e estilos. É o caso do teatro de William Shakespeare (século XVI), em que traços estilísticos épicos e líricos aparecem de forma bastante acentuada.*

Ao contar as peripécias de Max e de seu olho em versos metrificados e rimados, o livro de Luigi Amara combina características narrativas e poéticas e relembra as raízes dos gêneros literários. Por outro lado, ele nos mostra como é quase impossível encontrar textos que representem os gêneros em estado puro. Alguma mistura sempre ocorre, como nos poemas sobre as aventuras de Max e também nos de natureza mais lírica, como “O baile da medusa”, em que há a presença de personagens, traço estilístico do gênero dramático.

### O GROTESCO

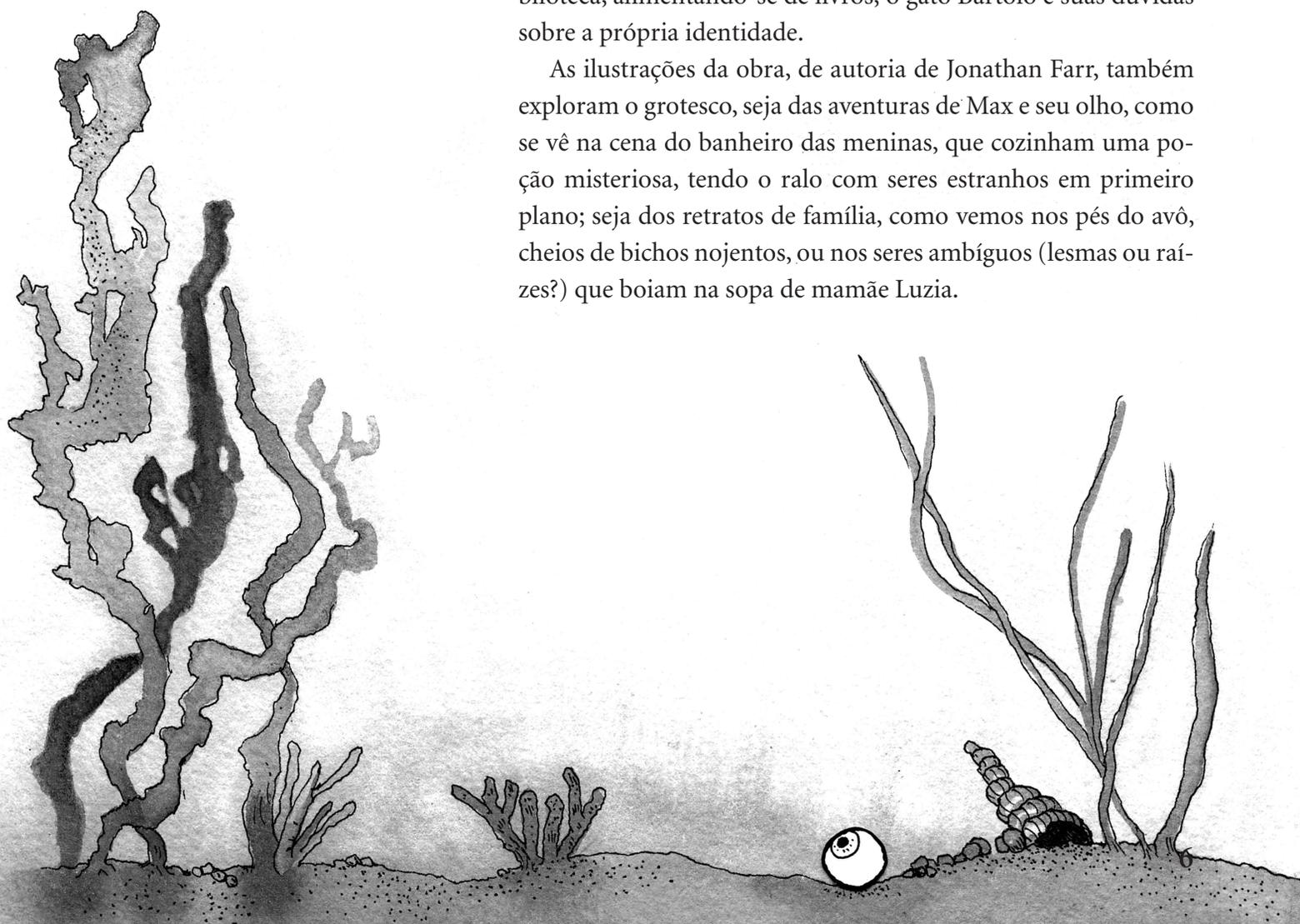
Um aspecto central do livro de Luigi Amara é o *grotesco*. Trata-se de um tipo de representação artística ou literária que trabalha com elementos como o exagero, a deformidade, o ridículo. As imagens e ideias produzidas dentro de uma estética do grotesco não se preocupam com o realismo estrito ou com a verossimilhança, mas, ao contrário, buscam o bizarro, o im-

possível, o extravagante. Sobretudo, o grotesco trabalha com o que seria considerado feio ou repulsivo de acordo com uma visão clássica do belo e da arte. Finalmente, outro aspecto fundamental do grotesco é a busca do efeito cômico, do riso.

O grotesco aparece primeiramente no motivo central de *As aventuras de Max*: um olho que é, por descuido de seu dono, arancado e passa a ter existência autônoma. Um dos aspectos do estilo grotesco é causar surpresa e estranhamento no leitor, justamente pelo inusitado das situações e imagens que utiliza. Além de estapafúrdia, a condição de Max dá margem a várias situações engraçadas, como as aventuras do olho na escola, ou o desejo do menino em saber para onde vai sua sujeira quando toma banho, o que o leva a jogar o olho no ralo.

A jornada do olho até o mar é repleta de aspectos nojentos e cômicos. Essa combinação é exacerbada nos “Retratos de família”. Assim como Max, todos os seus familiares possuem uma ou mais características bizarras e algum tipo de mania nojenta ou excêntrica. Além do avô e de Maria Camila, há a tia insone; a mãe e sua dieta peculiar; seu Cupim, o pai que vive exilado na biblioteca, alimentando-se de livros; o gato Bartolo e suas dúvidas sobre a própria identidade.

As ilustrações da obra, de autoria de Jonathan Farr, também exploram o grotesco, seja das aventuras de Max e seu olho, como se vê na cena do banheiro das meninas, que cozinham uma poção misteriosa, tendo o ralo com seres estranhos em primeiro plano; seja dos retratos de família, como vemos nos pés do avô, cheios de bichos nojentos, ou nos seres ambíguos (lesmas ou raízes?) que boiam na sopa de mamãe Luzia.



## O GROTESCO E O SUBLIME — AUTORES E FONTES

À estética clássica, cujo ideal é a arte luminosa, harmônica, bela e sublime que predomina na Antiguidade greco-latina, contrapõe-se o Romantismo. Num dos principais textos sobre a estética romântica, o “Prefácio de Cromwell”, o escritor francês Victor Hugo (1802-1885) defende o grotesco como a principal característica da “nova” arte. Segundo ele, haveria traços do grotesco na Antiguidade, mas muito tímidos, ao passo que no Romantismo o grotesco tem papel primordial, como a outra face do sublime, tão importante e necessária quanto ele.

Se o sublime diz respeito a tudo que é belo e gracioso, o grotesco é o lado humano e artístico que, nas palavras de Hugo, “tomará todos os ridículos, todas as enfermidades, todas as feiuras” [Do grotesco e do sublime. São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 33].

Exemplos de autores e obras que ajudaram a definir o estilo grotesco são *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1517-1646), e *Gargantua e Pantagruel*, de François Rabelais (c. 1494-1553). Inspirado em fontes da tradição popular oral, Rabelais escreve as histórias dos dois gigantes glutões, obscenos e cômicos, que se tornariam clássicos da literatura grotesca.

Para a sensibilidade romântica, contudo, William Shakespeare (1564-1616) é ainda o grande exemplo de autor que soube combinar o grotesco e o sublime, fundindo, em seus textos dramáticos, o belo e o feio, o disforme e o harmonioso, a tragédia e a comédia. O dramaturgo inglês inspirou, entre tantos autores, o poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852), autor de *Lira dos vinte anos* (1853).



### BESTIÁRIO FAMILIAR

“Os poemas do olho” possuem um distante parentesco com um tipo de texto conhecido como bestiário. Muito praticado na Idade Média, o bestiário contém a descrição de espécies animais, acompanhada de ilustrações. A descrição envolvia não só aspectos físicos, como de comportamento e caráter. Isso porque os bestiários possuíam uma função científica, mas também moralizante: os hábitos e temperamentos dos bichos seriam uma representação dos vícios e virtudes da humanidade.

Além dos animais existentes, o bestiário costumava conter a descrição de seres fantásticos e imaginários, como o unicórnio e a sereia. Nesse sentido, a seção “Retratos de família”, embora contenha apenas um animal, o gato, também lembra os bestiários, graças a personagens como o pai cupim e a menina clorofila. Porém, ao contrário dos animais dos bestiários, os seres humanos da família de Max são apresentados sem nenhum julgamento moral. Apesar de aparecerem em seus aspectos mais feios e repulsivos, não são condenados por suas supostas falhas, que são acentuadas na busca do efeito cômico. O estilo grotesco comporta uma visão crítica do mundo, mas não especificamente moralista.

## VERSO E REVERSO

A partir da leitura do livro de Luigi Amara, é possível propor uma série de atividades aos alunos, que complementem e aprofundem o rico universo de referências mobilizado na obra.

### DE PERTO, NINGUÉM É NORMAL...

As excentricidades de Max e sua família podem propiciar uma boa discussão sobre o que é considerado “normal”, aceito segundo determinado padrão, e aquilo que é considerado fora de esquadro, inadequado, diferente.

Max e seus familiares não são personagens certinhas, bonitas e comuns, mas feias e excêntricas. Dessas características, contudo, vêm sua graça e simpatia, já que, no fundo, todas as famílias possuem um ou mais tipos esquisitos. Aquilo que pensamos ser tão diferente, portanto, pode ser o mais comum, o mais normal. Os traços das personagens do livro são caricaturais, grotescos, mas, descontado o exagero, é possível que o leitor se identifique, de algum modo, com a família de Max.

O professor suscitará o debate sobre esses aspectos levando a turma a refletir sobre o preconceito e a intolerância, estimulando também sua autocrítica. Para tanto, após uma discussão inicial, pode-se propor que os alunos elaborem retratos de uma família fictícia, mas compondo as personagens a partir da própria experiência, inspirando-se em si mesmos, em familiares e em conhecidos. Os retratos (exagerados e cômicos, como no livro de Amara) podem ser primeiramente elaborados por escrito (em prosa ou em versos) e depois por meio de ilustrações. Nessa segunda etapa, a atividade poderá contar com a participação do professor de artes.

### AS NOVAS AVENTURAS DE MAX E SEU OLHO SUBMARINO

Nesta atividade, os alunos seriam estimulados a criar situações envolvendo Max e seu olho – além de outras personagens, como o gato Bartolo, os familiares de Max e outros que serão inventados. A escrita das novas aventuras será feita a partir da análise dos aspectos formais do livro, que envolvem o cruzamento dos diferentes gêneros literários, sobretudo da lírica e da épica. Os alunos deverão exercitar de modo mais radical, em suas produções, traços formais e estilísticos da prosa, da poesia e também do teatro.



### ÁLBUM DE ESTRANHEZAS

No repertório da literatura, da música e do imaginário infantojuvenil, há uma série de personagens e imagens que possuem características grotescas ou bizarras como Max e seus familiares. A gama de possibilidades aqui é ampla: vai desde o pirata do olho de vidro, passa pelos simpáticos membros da família Adams, pelos filmes cômico-macabros de Tim Burton, até chegar a versões mais clássicas do gênero, como se verifica em alguns contos de Edgar Allan Poe (reunidos sob o título *Contos do grotesco e do arabesco*).

Nesta atividade, sugere-se inicialmente ao professor que realize com os alunos um levantamento de memória dessas referências: que personagens, imagens ou histórias grotescas cada um é capaz de lembrar?

Essa primeira sondagem pode ser o ponto de partida para uma pesquisa mais aprofundada, usando diversas fontes: livros, revistas e *sites*. Vale também propor aos alunos a realização de entrevistas com pais, tios e irmãos mais velhos em busca de outros exemplos de “grotescaria”.

Por fim, os resultados da pesquisa seriam coligidos em livro, uma espécie de *Álbum de estranhezas*, feito pela classe e composto de textos e ilustrações.



## OUTRAS VIAGENS

### SUGESTÕES DE LIVROS E FILMES

#### • LIVROS

##### PARA O PROFESSOR

- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção Elos).

Painel das tendências e controvérsias que deram origem à estética romântica, corroendo desde a base os dogmas clássicos.

- KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Stylus).

Debate sobre uma das mais importantes categorias estéticas da modernidade, amplamente valorizada na arte contemporânea.

## PARA O ALUNO

- BURTON, Tim. *Triste fim do pequeno Menino Ostra e outras histórias*. São Paulo: Girafinha, 2007. Compostos por pequenos retratos em verso, ilustrados pelo próprio autor, esse livro oferece uma galeria de crianças grotescas e desajustadas (como a Garota Fósforo ou o Menino de Pregos nos olhos) à procura de acolhimento em um mundo cruel.
  - TACUS. *A criação das criaturas*. São Paulo: Edições SM, 2008. Neste livro do professor Tacus (pseudônimo de Dionísio Jacob), encontramos um bestiário de animais imaginários e bizarros, em descrições que reúnem o grotesco e o humor.
  - VÁRIOS AUTORES. *Ri melhor quem ri primeiro*. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2000. Esta seleção de poemas traduzidos por José Paulo Paes traz vários textos cômicos, com personagens esquisitas e aspectos grotescos, como em “Nojentos” (autor anônimo), “Pai William” (Lewis Carroll) e “Meu tio Dan” (Ted Hughes).
- **DVD**
    - *A noiva cadáver* (Corpse Bride). Estados Unidos, 2005. Direção: Tim Burton. Colorido. 78 min. Distribuição: Warner Bros. Filme de animação ambientado na Inglaterra oitocentista. Conta a história de um jovem que, prestes a se casar, desposa um cadáver e vai parar na Terra dos Mortos – que aos poucos se revela um mundo mais animado que o meio vitoriano em que ele nasceu. Aqui o grotesco também deixa a sua marca em uma divertida história com visual gótico.